

Os críticos abandonaram o trabalho de fazer julgamentos de valor: A crítica de arte filosófica de Arthur Danto

Palavras-Chave: Crítica de arte; Filosofia da arte; Arthur Danto.

Autores/as:

Gabriel de Campos Barrera San Martin [Unicamp]

Profª. Drª. Taisa Helena Pascale Palhares (orientador/a) [Unicamp]

INTRODUÇÃO:

Este projeto consiste em uma proposta de estudo sobre a crítica de arte de Arthur Danto (1924-2013) e a relação do autor com o debate artístico e filosófico do pós-guerra norte-americano. Apesar de a crítica de artes visuais se estabelecer enquanto gênero de texto já no século XVIII, a compreensão das características que essencialmente a constituem sempre foi algo parcialmente obscuro. Embora textos críticos tenham se tornado frequentemente populares tanto no âmbito acadêmico quanto jornalístico, a formulação de um debate filosófico fundamentalmente estruturado na questão “o que deve fazer um crítico de arte?” demorou para acontecer.

O nosso projeto, nesse sentido, tem por interesse central investigar as motivações e argumentos de Arthur Danto para a formulação de uma crítica de arte não normativa, vislumbrando o modo como essa tese se encaixa no sistema filosófico do autor. Para isso, dividimos a proposta em três partes. A primeira abarca uma discussão sobre o surgimento da noção da crítica de arte enquanto um gênero textual no século XVIII e retoma a argumentação de Danto sobre a ruptura que acarreta no fim da arte após a exibição das *Brillo Boxes* de Andy Warhol, em 1964. A segunda parte diz respeito à teorização da crítica de arte dantiana e busca mapear o papel de Danto dentro da crítica de arte norte-americana da segunda metade do século XX, observando a recepção dos posicionamentos e ideias do autor. A terceira parte, por fim, trata de, simultaneamente às partes anteriores, procurar discutir e questionar a crítica de arte dantiana, investigando como ela se relaciona com a sua teoria sobre o fim da arte.

METODOLOGIA E DISSEMINAÇÃO:

Dada a natureza do projeto, a metodologia consistiu no estudo da bibliografia relevante sobre o assunto dentro da tradição norte-americana da estética e da crítica de arte. Nossas principais ferramentas de análise são a argumentação filosófica unida a metodologias diversas da história e da crítica de arte. Quando interessante, resultados parciais da pesquisa estão sendo discutidos em mesas redondas, seminários e encontros do grupo de pesquisa (GEETA/Unicamp). A metodologia de pesquisa usada neste projeto pode ser dividida do seguinte modo:

1. Exegese dos textos dantianos: leitura pormenorizada da literatura primária, além de fichamentos e discussões em congressos acadêmicos e no grupo de pesquisa do qual o aluno é integrante.

2. Discussão com a literatura secundária sobre a filosofia de Danto: analisar a relação entre a filosofia e a teoria sobre o fim da arte de Danto. A parte central do trabalho será de identificar até que ponto a teoria sobre o fim da arte de Danto consiste em uma consequência lógica da sua filosofia essencialista e observar, em meio a isso, como a sua crítica de arte se relaciona com a teoria sobre o fim da arte.

3. Discussão com a literatura secundária sobre a crítica de arte de Danto: leitura dos textos críticos de Danto sobre exposições, artistas e obras placa a placa com os seus textos teorizando a sua crítica de arte. Essas leituras têm o objetivo de comparar a maneira como Danto pensa teoricamente a crítica de arte em contraste com o modo como ele propriamente exerce a tarefa de crítico de arte.

Além disso, resultados serão apresentados em encontros de pesquisa de universidades, colóquios relevantes da área e publicações nos mais diversos meios de difusão, como em jornais, atas de congressos acadêmicos e revistas especializadas. A disseminação da pesquisa se dará por meio de apresentações em colóquios relevantes da área e publicação de textos em jornais e revistas especializadas.

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

A pesquisa esteve, ao longo do último ano, centrada especialmente em dois pontos: (1) estudar com maior rigidez a teoria dantiana sobre o fim da arte à medida em que se reflete quanto a ela em campo ampliado e (2) analisar a relação que Danto estabelece entre a sua filosofia e a sua crítica de arte, dando continuidade à leitura de textos em que o autor teoriza a sua crítica de arte – antes ainda de encetar, de fato, à leitura concreta de seus textos críticos (tarefa sendo realizada neste momento). Viemos, além disso, trabalhando a etapa da pesquisa relativa ao questionamento da noção dantiana de uma crítica de arte em moldes exclusivamente descritivos.

Apresentei no Grupo de Estudos em Estética e Teoria da Arte (GEETA/Unicamp), neste semestre, o meu artigo publicado recentemente nos anais da XXI Semana Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-RS, “O fim da arte como fenômeno indispensável à filosofia de Arthur Danto” (2021). No texto, procurei apresentar a teoria dantiana sobre o fim da arte e explicitar o modo como essa teoria é indispensável para a constituição do sistema filosófico do autor afim de demonstrar que Danto mobiliza a teoria sobre o fim da arte com a finalidade de resolver um impasse da sua ontologia essencialista da arte.

Para isso, foram retomadas as discussões elaboradas pelo autor em “The Artworld” (1964) e *The Transfiguration of the Commonplace* (1981), através das quais Danto direciona o seu sistema filosófico para a resolução ontológica de um problema de indiscerníveis inaugurado pela arte contemporânea na esteira da aparente indiferença visual entre as caixas Brillo desenhadas por Steve Harvey e as de Andy Warhol (1964). E pensar em um problema de indiscerníveis para falar sobre a definição de arte direciona

a pergunta quanto à natureza da arte a outra forma. Se a pergunta vinha sendo feita na forma “por que esse objeto é uma obra de arte?” ou “o que é arte?”, as *Brillo Boxes*, por sua vez, questionam a razão pela qual a caixa de Warhol consiste em uma obra de arte ao passo que a do supermercado não (DANTO, 1964, p. 580-584). Ou seja, o modo como a questão é posicionada se altera. O critério pelo qual se pode dizer que um objeto é uma obra de arte deixa de ser objeto de uma estética materialista – que olha para a forma e a aparência do corpo buscando definir se aquilo é ou não uma obra de arte –, tornando-se objeto de uma *estética do significado* (DANTO, 2005b).

Seria, portanto, as caixas Brillo que levariam a arte ao seu estado hegeliano de “auto-consciência filosófica” conforme elaboraram corretamente a pergunta sobre a natureza da arte. Na filosofia dantiana, quando a obra de arte atinge por si mesma o estado de auto-consciência filosófica, ela adquire também lucidez sobre a sua própria essência. É, portanto, esse estado de consciência sobre a sua própria essência que acaba com a história, “pois ela se configura como a essência por traz dos *téloi* particulares de cada narrativa” (COSTA, 2014, p. 14).

E tendo a arte tomado consciência de que seus parâmetros de designação não guardavam familiaridade a uma estética materialista, Danto admite que a arte teria conquistado certa *autoconsciência filosófica* motivadora do seu fim. Mas a consideração pretendida em meu artigo de 2021 consiste em apontar para o fato de que, por mais natural que possa parecer, o percurso para o fim da arte está relacionado à finalidade de preservar a sua ontologia da obra de arte formulada em 1981, na Transfiguração, do obstáculo antidefinicionalista wittgensteiniano relativo à sua ambição essencialista.

A conclusão elementar da sua ontologia de 1981 consiste na suposta descoberta de dois elementos que deveriam constituir a definição de arte: *ter um significado* e *corporificar esse significado*. Ou melhor, toda obra de arte haveria primeiramente de dizer respeito a algo (*ter um significado*). Mas, sabendo que “nem todos os veículos de representação são arte”, Danto reconhece a necessidade de “encontrar outra condição diferenciadora” (DANTO, 2010, p. 12). E essa condição consistiria na capacidade da arte de presentificar os seus significados (*corporificar esse significado*). Obras de arte seriam, portanto, objetos com significado: significados corporificados (*embodied meanings*).

Danto reconhece, no entanto, a insuficiência dessas duas condições para uma definição essencialista de arte. Mas, ainda antes de procurar lidar com o restante dessas condições, a demanda urgente que parece lhe perseguir consente a lidar com as respostas antidefinicionalistas das filosofias wittgensteinianas. Grosso modo, o autor deveria esclarecer a razão pela qual uma definição essencialista de arte existe antes de procurar deslindar a sua resolução. E, se as perspectivas wittgensteinianas – e em especial aquela inaugurada por Morris Weitz (1956) na eminência da sua filosofia da arte – apontavam para a indefinibilidade de diversos conceitos emulada pela solução via critério de “semelhança de família” (ou “conceito aberto”), Danto percebe a margem para a demolição de sua teoria essencialista a reboque de teses como essa. E, daí, a conclusão de meu artigo “O fim da arte como fenômeno indispensável à filosofia de Arthur Danto” (2021) quanto a sua teoria sobre o fim da arte parece mobilizar uma espécie de solução ao seu impasse filosófico-essencialista.

Dessa proximidade, crítica e filosofia convergem no pensamento dantiano como que implicando

de sua filosofia um modo específico de analisar obras de arte. À medida que os dois elementos identificados como inerentes à definição de arte são, por Danto, as características de *ter um significado* e *corporificar esse significado*, acarreta da crítica a tarefa de “descrever sobre o que é o trabalho – o que ele significa – e como esse significado é incorporado no trabalho” (DANTO, 2001, p. X).

Em diversos textos, Danto indica essa designação de tarefas ao crítico de arte mediado por esses dois elementos. Seja ao dizer que “identificar o significado de uma obra e mostrar como o objeto em que o significado está incorporado efetivamente o incorpora” (DANTO, 2011, p. 5) ou que “de pé no museu, nós devemos aprender o que a arte significa – o que é o seu conteúdo – e porque isso apresenta o conteúdo como o faz” (DANTO, 2005, p. 6), o autor sugere uma crítica de arte descritiva – que não flerta com moldes normativos ou pretensões avaliativas (tão comuns a textos críticos).

Com a chegada da arte contemporânea, Danto acredita que o crítico haveria de se tornar consciente de que “não pode mais haver nenhuma forma de arte determinada historicamente” (DANTO, 1996, p. 31). E, não sendo possível que uma obra seja avaliada com base em um conjunto de critérios, não haveria mais a possibilidade de emitir juízos avaliativos sobre obras de arte – mas somente descrições. Resta, então, conservar aos textos um tom analítico e descritivo com respaldo no elemento constitutivamente essencial da obra de arte: o significado incorporado.

A função do crítico dantiano se constitui, afinal, como algo de uma tentativa de olhar para a obra “até começar a vê-la problemáticamente, como contendo algo implícito a ser compreendido” (AITA, 2003, p. 157). E com a *Brillo Box* não foi diferente. No lugar de apontar para as narrativas comuns da pop no que tange à sua relação com a cultura de massas e a nova modalidade de produção implementada pelo fordismo, Danto formula uma interpretação filosófica do trabalho. Como em uma tentativa de “vê-la problemáticamente”, enxerga a *Brillo Box* à lente de um problema de indiscerníveis. A fisionomia da sua crítica de arte atravessa as suas conclusões filosóficas. E para “compreender o seu pensamento sobre a arte implica assim em somar ao crítico o filósofo” (Ibid., p. 158).

E, dessa soma, nossas investigações partem agora à direção de observar placa a placa os textos filosóficos de Danto, em que o autor teoriza a sua crítica de arte, com os seus textos críticos sobre artistas e exposições, escritos ao longo dos 25 anos em que foi crítico do *The Nation*. Pretendemos, com isso, abrir horizontes a investigações que, de fato, lidem com as duas vidas de Arthur Danto – do filósofo e do crítico de arte – e os respectivos debates a que esteve inserido em cada uma delas.

BIBLIOGRAFIA

TEXTOS DANTIANOS

- DANTO, Arthur. (1964). The Artworld. *The Journal of Philosophy*, Nova Iorque, v. 61, n. 19, p 571-84.
- DANTO, Arthur. (1965). *Analytical Philosophy of History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DANTO, Arthur. (1981). *The Transfiguration of the Commonplace*. Cambridge: Harvard University Press.
- DANTO, Arthur. (1986) The End of Art. In: DANTO, A. *The Philosophical Disenfranchisement of Art*, Nova Iorque: Columbia University Press.

- DANTO, Arthur.** (1987). Approaching the End of Art. In: DANTO, A. *The State of The Art*. Nova Iorque: Prentice Hall Press.
- DANTO, Arthur.** (1997). *After the End of Art: Contemporary Art and the Pale of History*. Princeton: Princeton University Press.
- DANTO, Arthur.** (1998). Learning to Live with Pluralism. In: HOROWITZ, G; HUN, T (orgs). *The Wake of Art: criticism, philosophy and the ends of taste*. Routledge.
- DANTO, Arthur.** (1998). The end of Art: A Philosophical Defense. *History and Theory*, Nova Iorque, v. 37, n. 4, p. 127-143.
- DANTO, Arthur.** (2001). *The Madonna of the Future: Essays in a Pluralistic Art World*. Berkeley: University of California Press.
- DANTO, Arthur.** (2003). *The Abuse of Beauty: aesthetics and the concept of Art*. Illinois: Open Court.
- DANTO, Arthur.** (2005a) Art Criticism After the End of Art. In: DANTO, A. *Unnatural Wonders: Essays from the Gap between Art and Life*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- DANTO, Arthur.** (2005b) The Philosophy of Art. Entrevista concedida a Natasha Degen. *The Nation*, Nova Iorque, 18 de agosto de 2005.
- DANTO, Arthur.** (2006a). *Após o Fim da Arte: a Arte Contemporânea e os Limites da História*. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Edusp.
- DANTO, Arthur.** (2010). *A Transfiguração do Lugar-comum*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify.
- DANTO, Arthur.** (2012a). *Andy Warhol*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify.
- DANTO, Arthur.** (2012b). The End of Art and Beyond: Interview given by Arthur C. Danto to Virginia H. A. Aita in February 2006. *Forum Permanente*, v.1, n.1.
- DANTO, Arthur.** (2020). *O que é a arte*. Tradução de Rachel Cecília de Oliveira Costa e Debora Pazetto. Belo Horizonte: Relicário Edições.

TEXTOS DE OUTROS AUTORES

- AITA, Virginia.** (2003). Arthur Danto: narratividade histórica “sub specie aeternitatis” ou a arte sob o olhar do filósofo. *ARS*, São Paulo, v. 1, n. 1.
- BELTING, Hans.** (2012). *O Fim da História da Arte*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Cosac & Naify.
- CARRIER, David.** (1998). Danto and His Critics: After the End of Art and Art History. *History and Theory*, v. 37, n. 4, p. 1-16.
- CASCALES, Raquel.** (2019). *Arthur Danto and The End of Art*. Trad. Christa Byker. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- CASCALES, Raquel.** (2018). The development of the sense of “The End of Art” in Arthur Danto. *Rivista di estetica*, v. 68, n. 2, p. 131-148.
- COSTA, Rachel.** (2014). O fim da arte como um começo. *Redescrições*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-33.
- FREELAND, Cynthia.** (2008). Danto and Art Criticism. *Contemporary Aesthetics*, v. 6, n. 20.
- GREENBERG, Clement.** (1997). Pintura Modernista. In: FERREIRA, G; COTRIM, C (orgs.). *Clement Greenberg e o Debate Crítico*. Rio de Janeiro: Funarte Jorge Zahar, p. 101-111.
- HEGEL, Georg.** (2001). *Cursos de Estética II*. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp.
- PAZZETO, Debora.** (2015). Destino e liberdade: Um ensaio sobre a teleologia latente na filosofia da arte de Arthur Danto. *Cadernos de estética aplicada*, Belo Horizonte, n. 16, p. 10-26.
- SILVA, Fernanda.** (2019). *É possível definir arte? – As abordagens de Weitz e Danto ao projeto definatório*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Filosofia.
- SNYDER, Stephen.** (2018). Danto and the End of Art: Surrendering to Unintelligibility. In: SNYDER, S. *End-of-Art Philosophy in Hegel, Nietzsche and Danto*. Londres: Palgrave Macmillan, p. 147-202.
- WEITZ, Morris.** (1956). The Role of Theory in Aesthetics. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, Philadelphia, v. 15, n. 1, p. 27-35.